

TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE DO SISTEMA ORTOGRÁFICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DÍGRAFOS NA ESCRITA INICIAL

TAMIRES PEREIRA DUARTE GOULART¹; DANIELI DIAS DA SILVA²; ANA RUTH MORESCO MIRANDA³

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPEL 1 – tamirespdgoulart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – danidiassilva90@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro é considerado uma língua de caráter ortográfico próximo da transparência, uma vez que existe uma correspondência relativamente regular, sistemática e biunívoca entre os segmentos fonológicos e os símbolos gráficos discretos (VELOSO, 2005). Sabe-se, no entanto, que essa transparência não ocorre com todos os segmentos, sejam consonantais ou vocálicos, o que pode dificultar o processo de aquisição da escrita ortográfica, tendo em vista que no início desse processo, a criança precisa operar com a ideia de que um som corresponde a um símbolo, princípio esse, que encaminha a aquisição do sistema de escrita das línguas alfabéticas, como é o caso do Português Brasileiro (PB).

Há grafemas no PB que ao serem relacionados aos fonemas apresentam opacidade, causando dificuldades ortográficas para os aprendizes. Os dígrafos <ch> e <ss>, foco desse trabalho, são exemplos dessa falta de transparência por competirem com outros grafemas, podendo deixar a criança com dúvidas no momento de expressar sua escrita.

Miranda (2020), com base em Lemle (1987), pontua que as relações entre grafema e fonema podem ocorrer de duas formas: biunívocas, um fonema para um grafema e vice-versa; e múltiplas, um fonema para vários grafemas ou um grafema para vários fonemas. Diante disso, a autora propõe o quadro 1, mostrando que o fonema /ʃ/ pode ser grafado por <ch> ou <x>; enquanto o fonema /s/ possui várias representações de grafemas, dentre elas o dígrafo <ss>.

Quadro 1: exemplos de relações fonema-grafema e grafema-fonema

biunívoca 1 fonema « 1 grafema			múltipla 1 fonema « n grafemas			múltipla 1 grafema « n fonemas		
/p/	<p>	pala	/k/	<c> <qu>	casa quero	<ç>	/s/ /z/	sapo vaso
/b/		bala	/ʃ/	<x> <ch>	xale chalé	<g>	/ʒ/ /g/	gema goma
/f/	<f>	faca	/z/	<z> <x>	zebo excato	<ç>	/ɛ/ /x/	caru rato
/v/	<v>	vaca	/s/	<ss> <sc> <sc̃> <xc> <xs> <s> <c> <ç> <x> <z>	massa nasce nasça excesso excudar penso macio maçã expor xatrez	<x>	/s/ /z/ /ʃ/	extra exame exame

Fonte: Miranda (2020)

À vista disso, este estudo busca discutir conceitos que classificam as línguas em transparentes e opacas, por meio da análise de escritas espontâneas e de escrita orientada de palavras, que apresentam em sua grafia, sobretudo, os dígrafos <ch> e <ss>, em dados de alunos 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental

de escolas públicas, da cidade de Pelotas/RS. Situando-se no campo linguístico da aquisição da linguagem escrita, a discussão proposta pode oferecer um “insight” na problematização da transparência do português brasileiro, mostrando a complexidade da aquisição do seu sistema ortográfico. A ideia de categorização do sistema de língua transparente pode encaminhar à compreensão de que o PB ocupa um nível intermediário em relação à escala de opacidade/transparência.

2. METODOLOGIA

Este estudo integra as pesquisas do Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita - GEALE e os dados estudados são extraídos do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita – BATALE (Miranda 2001). O Banco, atualmente, possui em seu acervo em torno de 7.423 textos produzidos por crianças dos anos iniciais. São textos espontâneos, obtidos por meio de coletas realizadas entre 2001 e 2019, em diversas escolas da rede pública e uma da rede particular. Esse conjunto de textos está dividido em 9 estratos. Aqui, utilizou-se dados extraídos de 30 textos do estrato 3, coletados em escolas da rede pública de Pelotas/RS, no ano de 2009.

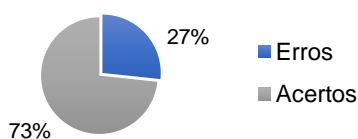
Os textos analisados foram escritos por crianças de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, todos produzidos a partir de oficinas que visavam textos espontâneos, assim caracterizados por se diferenciarem dos textos escolares. Soares (1999) considera que são as atividades de escrita espontânea aquelas que permitirão ao professor levar a criança à apropriação das normas, regras e convenções da escrita, à medida que ele, por meio da análise dessas produções, poderá fazer um exercício de reconstrução das hipóteses dos alunos para assim conduzi-los à escrita ortográfica padrão.

Da amostra estudada, todas as palavras com contextos para a grafia dos dígrafos, <ss> e <ch> foram selecionadas e classificadas em erros e acertos. A partir delas, criou-se um instrumento em forma de ditado com 10 palavras, que foi aplicado a uma criança de 8 anos de idade, aluno do 3º ano, da rede particular, a fim de comparar os dados e enriquecer as discussões, por meio de um conjunto de dados controlados. As palavras selecionadas foram: *cachorro*, *assustou*, *borracha*, *passar*, *disse*, *achou*, *assim* e *chamada*. Acrescentou-se as palavras *pássaro* e *bruxa* a fim de completar um ditado com 10 palavras

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que este trabalho busca mapear a escrita de palavras com dígrafos, especialmente com <ss> e <ch>, os dados mostraram 251 contextos de escrita com dígrafos nos 30 textos que compõem a amostra analisada. Das 251 palavras que apresentaram dígrafos em geral, 67 foram grafadas de forma incorreta.

GRAFIA DOS DÍGRAFOS



Observa-se que 27% das palavras apresentaram erros¹ no registro dos dígrafos. Esse valor, embora pequeno, é significativo, a fim de mostrar que a transparência da língua para os dígrafos analisados é densa.

O gráfico, apresentado a seguir, mostra a distribuição dos dados, erros e acertos, considerando os contextos encontrados nas escritas de alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.



Pode-se inferir que conforme aumenta a escolaridade, de forma mais efetiva, a criança vai ampliando seu léxico ortográfico por meio da memorização das formas gráficas, o que permite a ela escrevê-las adequadamente. A experiência linguística que a escola pode ser capaz de oferecer contribui significativamente com o desenvolvimento do aprendizado de escrita ortográficas.

No estudo de caso, um ditado com 10 palavras foi realizado. No que se refere às grafias com o dígrafo <ch>, o aluno escreveu-as corretamente. No entanto, quando as palavras necessitavam do uso de <ss>, o aluno grafou apenas *assim* e *pássaro* com o dígrafo e as outras três palavras ditadas apenas com <s>. Podemos inferir, a partir dos resultados que quanto maior for a exposição da criança à ortografia e a práticas de leitura e escrita, maior será seu desempenho na escrita. A instabilidade de escrever ora com <s>, ora <ss>, reforça o fato que vem sendo discutido ao longo deste estudo, de que o aluno elabora, no início do processo de aprendizagem da escrita, hipóteses construtivas que vão sendo usadas como suportes até chegar à escrita ortográfica padrão.

A partir das análises dos dados, pensa-se que a oposição entre as línguas de ortografia transparente e as de ortografia opaca é entendida como uma oposição graduável e contínua (VELOSO, 2005). Nesse sentido, parece que o português tende a ser caracterizado em um nível intermediário de transparência, devido, especialmente, a eventos do tipo dos dígrafos <ch> e <ss>.

Considerando-se a discussão proposta, há aspectos ortográficos capazes de fornecer uma reflexão sobre transparência linguística do PB. Entende-se, segundo os dados, que os dígrafos, aqui estudados, o <ss> e o <ch>, são agentes que dificultam a aprendizagem da escrita padrão, mostrando-se, assim, um aspecto menos transparente do PB. Nesse contexto, assume-se aqui, que o PB está situado em nível intermediário de transparência, conforme propõe Seymour (2013).

4. CONCLUSÕES

Este estudo buscou oferecer uma discussão sobre o *status* que o Português Brasileiro ocupa no que se refere ao conceito de transparência e opacidade linguística, por meio da análise de dados de escrita, considerando a grafia inicial dos dígrafos do PB, especialmente, de <ss> e <ch>. O PB na escala referente à

¹ Destaca-se que, neste estudo, quando se utiliza o termo “erro”, considera-se o conceito de erro construtivo, gerenciado por Piaget e seguido pelos estudos de cunho construtivistas, isto é, o aluno erra, mas a partir desse erro testa hipóteses e reorganiza suas ideias, efetivando o conhecimento e a aprendizagem.

opacidade/transparência, proposta por Seymour (2013) e reforçada nesse estudo, está entre as línguas consideradas com grau intermediário de transparência, ou seja, que possuem, em seu inventário linguístico, relações biunívocas e também diferentes relações para que um fonema corresponda a um grafema.

Ao descrever os resultados relativos aos erros de alunos de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, vinculados a essas especificidades do sistema ortográfico, observou-se que a incidência dos erros referentes aos dígrafos <ch> e <ss> é decrescente, ou seja, conforme o nível de escolaridade aumenta, diminuem os erros. No entanto, ainda no 3º ano há a ocorrência de trocas desses segmentos, o que aponta instabilidade na escrita dos alunos.

Nesse ponto, avaliando-se os processos de ensino e de aprendizagem, enfatiza-se que existe a necessidade de o professor, condutor da aprendizagem da escrita inicial, ofertar práticas contextualizadas e diversificadas com o uso das dificuldades ortográficas do PB, uma delas os dígrafos <ch> e <ss>, para que a criança possa elaborar hipóteses, refletir sobre o sistema e construir seu aprendizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MIRANDA, A. R. M. **BATALE**: Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. 2001. Disponível em: < <http://sistemavestigios.org>>.

MIRANDA, A. R. M.; SILVA, M.R.; MEDINA, S. Z. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. **Linguagens & Cidadania**, v. 14, p. 1-15, 2005.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educ. rev.** [online]. 2020, vol.36, e221615. Epub Jan 31, 2020.

SEYMOUR, P. H. K. O desenvolvimento inicial da leitura em ortografias europeias. In: SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles. (Orgs.) **A ciência da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, M. B. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: Edwiges Zaccur (Org.) **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999, p. 49-73.

VELOSO, J. A língua na escrita e a escrita da língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões. In: **Da Investigação às Práticas**. Estudos de Natureza Educacional. Escola Superior de Educação de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. Vol. VI, Nº 1, 2005.